



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

1 DE ABRIL DE 1961
ANO XVII — N.º 445 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

Regressei há horas de Lisboa, onde fui levar três dos nossos rapazes e as mulheres de dois e um pequenito de um deles — que amanhã hão-de embarcar no «Pátria» rumo a Angola e Moçambique.

De manhã, no Tojal, juntámo-nos com Cândido e Ana, Abel e Idalina — os nossos dois que ali servem a Obra.

Sentámo-nos de roda; o Altar a presidir; e meditámos... Naquela hora todos os cinco conservavam ainda suas mãos presas às mãos maternas da Obra que os criou. Dois foram chamados a ficar. Os outros 3 a partir. A mesma Mãe lhes deu, lhes dá as mãos. E se uns ficam para servir, os outros vão para servir. — Só nesta medida se servirão autenticamente.

Levam consigo representação de grande responsabilidade. Estes e Waldemar, que há quinze dias partiu para o Limpopo e os três mais que aguardam seus documentos para embarcar são o primeiro grupo depois da nossa viagem

o ano passado. Do seu comportamento, do agrado que produzirem, dependem mais cartas de chamada para muitos que as ficam esperando em desejo, já e pelos anos fora. Daí o esforço, o espírito de sacrifício que em consciência se lhes pede: o esforço de bem servir; disposição para sacrificar em favor dos irmãos que aguardam

dam sua hora para voarem do regaço maternal de que estes ora saem.

Por isso, se Abel e Cândido ali estavam como servidores de um Ideal concretizado numa Obra, é em serviço que Octávio e Rui e Eduardo vão.

Não silenciámos a hora particularmente dolorosa em que ocorre esta partida. Os jornais trazem notícias dramáticas de Angola. Portugueses que lá nasceram, outros que lá vivem — por sobre terem regado a terra, anos e anos, com o seu suor e suas lágrimas, a regam de novo agora, com o seu san-

Continua na segunda página



A paisagem que atravessámos é variada e mimosa. Vides de enforcado espreguizam nos choupos velhos à beira da estrada. Por detrás deles, tons verdes de macios campos sucedem-se consoante as culturas. Em pano de fundo, a serra do Barroso muito cinzenta. Por toda a parte a natureza rebenta viçosa nesta primavera demasiado temporã. Os nossos olhos deliciam-se por largo tempo na contemplação do belo que nos rodeia. A estrada finda. Encosta acima, grandes pedras lavadas pelos enxurros de inverno servem-nos de caminho. A rota tortuosa e íngreme força-nos a parar. Apreciamos agora mais vastos horizontes. E prosseguimos, que o fim da caminhada é outro. Passos andados, damos com montão de pedras sobrepostas, cobertas de telhas velhas. Entrámos. Passamos à cozinha escura e despida e estamos na sala comum, de soalho enegrecido e telha vã. Coberta de mantas caseiras, em enxerga singela, mulher nova geme enrolada em dores.

— A senhora que tem? — pergunto temendo resposta dolorosa.

— Estou consumida com dores. Os médicos dizem-me que não sará mais. Isto é coisa ruim, por certo.

O marido, jornalista de olhar macilento e rosto emagrecido açana-me que sim, e segreda que se trata de cancro no estômago. Aos pés

da cama, porém, há pior. Sinto calafrios e estremeço quando dou com uma criança de tenra idade. Tem aspecto de recém-nascida. Está cega. Dizem-me que ainda não come. Alimenta-se de leite em pó e

Continua na terceira página

FESTAS

Américo proibiu-me de entrar no segredo dos deuses antes do ensaio geral... Pois hoje aqui prometo eu e aos senhores que até àquele ensaio, ele, e até o espectáculo, vós, não hão-de saber de uma surpresa que a todos vai agradar.

Por aqui já começaram os grandes movimentos cénicos. São números de massa. São outros de solista, ou quase... Padre Horácio protesta que espera por versos e música não sei de quê. Padre Acílio já acordou com os seus rapazes no programa a oferecer aos setubalenses e palmelenses. No Tojal, Padre José Maria e Cândido são os heróis da acção. Senhor Padre Baptista anda muito caladinho. Não, que o Calvário não precisa de ensaios nem de encenação! O simples desfile é esmagador. E um ou dois casos dos que não podem comparecer no palco chegam para abraçar os corações dos espectadores. E eu não digo mais nada. Júlio é mais do que zeloso na publicidade. Ele espalhará pelo jornal notícias sobre datas e locais da venda de bilhetes. Cautelinha, meus senhores!... Nada de guardar para o fim, senão...

E até ao Coliseu em 27 de Abril, se Deus quiser. E até ao Avenida em 1 de Maio. E até ao Império em 16 do mesmo. Mais no Luisa Tody dia seguinte.

PÁSCOA

Um só foi O que por Sua Morte deu a Vida aos homens.

Só Esse retomou a Vida, com direito próprio, porque Ele próprio é a Vida.

Um só! Pelo preço da Sua Morte; à imagem da Sua Ressurreição — os homens têm a Vida ao seu alcance. Basta que sejam Um só com Ele, que as suas vidas sejam Ele, a Vida.

Sermos Um só em Cristo, como Jesus e o Pai e o Seu Amor Substancial o são — eis o programa: a única solução universal, autêntica, que afogam os corações dos homens.

«Senhor, infunde em nós o espírito da Tua Caridade, para que sejamos concordes — Um só — todos os que vivemos de Ti, da Tua Vida».

Património dos Pobres

em Coimbra

Nesta época de confusão e parece que de crise espiritual, nós confiamos e temos a certeza da força da nossa fé cristã. Se neste momento varrêssemos do meio dos homens a convicção da presença de Deus, única capaz de sustentar o tombar dos tempos — se a hora é de confusão, iria ser de abismo voraz para todos. Não há nada que possa enfrentar a maldade, o egoísmo e o orgulho do homem, senão a crença e a consciência da dependência de Deus. Todo o bem de que o homem é capaz tem origem divina. O homem é livre em praticar o bem e o mal, mas esta liberdade acarreta-lhe a responsabilidade. Como só Deus é o Senhor, todo o homem depende absolutamente dEle. Nós não somos senhores de nada. Somos seres dependentes. Só Deus é. Nós participamos do Seu ser.

Graças a Deus que ainda há católicos que assim pensam e assim agem. Pela altura do Natal entregaram-nos em Coimbra setenta e tal contos vindos de vá-

rar assim a desventura de um nosso Irmão.

Quero que este donativo não seja conhecido de ninguém, senão como tendo sido feito por um irmão a outro Irmão.

Praza a Deus que essa nova casa albergue uma família digna e merecedora, mas se por desventura sua, andar desviada do bom caminho, que saiba reconhecer nesse acto, que a bondade de Deus nunca abandona os Seus filhos, mesmo aqueles que O ofendem constantemente.

Peça a Deus que nos próximos anos, por esta altura, possa de novo contribuir para melhorar a sorte de outra família.

Mais um cheque de 12 «À memória de nosso Pai» que os filhos prometeram cheios de alegria por verem o Pai morrer cristamente.

Um dirigente da A. Católica entregou um cheque de 10, conforme vontade de sua Tia que era das Beiras.

A Auto-Industrial e seu pes-

Continua na segunda página

Chales de Ordins

A Senhora do chale mensal virou-se, desta vez, para as camisolas. Em sua carta vinha uma frase de oiro: «Tenho vários Pobres a precisarem muito delas». Se a vida de todos os que podem se houvesse com esta simplicidade, viveriam irmanamente neste mundo os homens. «Tenho vários pobres» soa o mesmo que «tenho vários irmãos, pelos quais devo velar».

Os pobres são da família dos ricos. Sendo «mais dispenseiros que possuidores», compete a estes olhar por aqueles, fazendo, ao mesmo tempo, uma «obra de misericórdia e de verdade ou justiça». Quem não quer ajudar fraternalmente só tem pedras para atirar, esquecendo-se que os necessitados têm as suas faculdades atrofiadas. Que fazemos nós por lhe criarmos hábitos de trabalho e economia? De higiene, pontualidade, educação? E, depois de tornarmos mais humano o homem, temos de percorrer ainda uma longa caminhada, até o fazermos da Família de Deus.

Um senhor que nas últimas «Férias forçadas em Ordins» nos deitou generosamente a mão, deu-nos liberdade de movimentos na distribuição de chales que ofereceu. Ficámos,

por isso, com alguns para os nossos Pobres. Quanto apreciei o seu gesto amigo, que tanto bem nos permite fazer. Assim, por exemplo, a uma Pobre, desmazelada no vestir, prometi um chale, em troca da blusa e saia tão cheia de buracos, que se queimaram, por já não terem qualquer conserto. Com uma mendiga profissional, quanto nos consumimos, para que deixe a pedincha, cultive as suas hortas e fie lã de cabra. Já se lhe prometeram um chale e mais géneros alimentícios, em recompensa, mas é tal a força do hábito que não sei o que conseguiremos. Se, quem lhe dá a esmola lhe negasse — ou, melhor, a depusesse nas nossas mãos, para lhe entregarmos — colaboraria na obra de arrancar à mendicidade uma irmã nossa, que ainda pode trabalhar.

Os teares da Casa de Jesus Misericordioso estão ocupados. Um faz pano para as blusas dos Gaiatos de Beire. Breve está disponível, para tecer tapetes. É teceira uma pobre mulher, separada do marido, com dois filhos adulterinos, a quem é preciso dar o pão, trabalhando com o suor do rosto. Noutro tear, fazem-se carpetes. Já estão duas prontas. A teceira é uma rapariga, que um dia levei para uma casa de trabalho, mas, ao fim duma semana, se encontrava em casa. Tinha fugido. Foi depois servir. Mas não parou. Está em casa e o tear é, agora, o seu encanto. Tem qualidades de trabalho. Mas, se ninguém nos ajudar, pararão as carpetes e mudará de ofício a teceira, pois só lhe poderemos pagar, quando nos comprarem os artigos. Outro tear faz colchas de cama. Já está pronta a primeira. Quem nos quer ajudar? Quem compreende o nosso trabalho em prol dos Pobres de Ordins?

x x x

A Senhora das camisolas, em Lisboa, tem vindo por mais e mais delas, além de tapetes, mantas para berço, chales e echarpes. Para Lisboa e Ovar, abafos para o pescoço. Para a Capital foram pegadas para panelas. «São um mimo e não há dinheiro que as pague».

Trancoso veio a Ordins aos chales. Madalena às echarpes. Idem de Algés. De algures, uma Lúcia com 500\$ agasalha duas Pobres. Loulé segue com um chale, pago generosamente.

Padre Horácio

Padre Aires

ÁFRICA

gue e mais lágrimas duplamente amargosas.

Nunca alguma coisa é tão nossa como quando nos custa a vida. Nunca tão nossa quando comprada por vidas inocentes, vitimadas pelos da inversão dos valores, hasteando a anti-lei como bandeira, no mastro da sua insensatez.

É nesta hora grave que dois dos nossos rapazes partem para o aceso da fogueira que maus ventos estranhos procuram atear. Mais uma causa de estremecimento para o nosso

Continuação da primeira página

coração humano. Porém, maior é a do medo de que eles não sejam tão fortes quanto o momento pede; mais do que o dos próprios perigos que irão sofrer.

De resto, eu andei, ainda não há um ano, por aquelas terras que os noticiários vão tornando conhecidas de todos nós. Vi com os meus olhos; ouvi com os meus ouvidos. Contactei com pessoas das ideologias mais diversas.

Perto, no Congo, o vulcão rugia e vomitava. Entre nós reinava a serenidade, a certeza de que, sucedesse o que sucedesse, custasse o que custasse nunca em Angola aconteceria a desertão em massa. Fomos para ali há 500 anos e não perguntámos a ninguém pelo caminho. Vivemos ali há 500 anos e nunca tememos que os outros fôssem a mais. Angola chega bem para os por-

tugueses de pele negra e branca. Todos são ainda de menos para se ajudarem tanto quanto é preciso...

Eu vi e ouvi e lidei com gente de muitas ideologias. Porém, nisto todos eram unânimes.

Por isso eu não acredito que Angola deixe de ser portuguesa, nem pela sucção do vazão da insensatez internacional, nem pelo turbilhão dos sem-critério.

Creio demasiado na força intrínseca da Verdade para aceitar que a sem razão vença perenemente.

Os nossos rapazes vão em hora de singular incomodidade. O nosso coração humano sim, estremece. Contudo, mais pelo receio de que eles fiquem a quem do que o País e a Verdade precisam e esperam deles.

Que Deus os abençoe e os acompanhe sempre. Nós ficaremos de joelhos por eles e pelos outros, preparando anciamente a partida de mais.



Olga e Waldemar



Ana e Rui

AUTO-CONSTRUÇÃO

A sugestão feita no número 441, de quatro de Fevereiro, não passou despercebida. Surgiu a primeira casa certa. Não é de uma pessoa muito rica, pois dará a importância de cinco contos em prestações. Já começou e acabará de dar a quantia, temos a certeza disso. De Lisboa — Avenida Duque de Avila chega-nos esta carta: «Li o artigo do jornal «O Gaiato». Pena é não poder ser dos primeiros a contribuir em tão nobre cruzada. Espero fazê-lo mais tarde. Julgo que esta ideia dos cinco contos poderá desenvolver muito a Auto-Construção». Não duvidamos que daqui também virá uma casa.

Do Consulado da Bélgica no Porto recebemos também esta carta: «Atrasado com a leitura do «Famoso», por motivo de ausência, só hoje tomei conhecimento da sua notícia sobre Auto-Construção. Interessando-me o assunto e não compreendendo bem em que condições é auxiliada a Auto-Construção, muito agradeço o favor de me esclarecer se um donativo de 5.000\$00 dá efectivamente lugar à construção imediata de uma casa e, em caso afirmativo, em que condições e se a casa pode ser levantada em local a indicar pelo doador. Também desejava saber se a casa ficará a pertencer a quem a vier a ocupar, ou a entidade que designará»

Respondemos:

Antes de mais, Auto-Construção não faz casas. Estimula, ajuda, orienta grupos de oito, dez ou doze Auto-Construtores que queiram fazer as suas casas. Essas casas não ficarão a pertencer a qualquer entidade; ficarão, sim, propriedade privada e absoluta dos Auto-Construtores. O que nós lhes dermos será dado a título de estímulo, de isca — deixemos passar a palavra — gratuitamente. As casas de cada grupo — oito, dez ou doze — serão feitas ao mesmo tempo, num plano de conjunto. Serão acabadas na mesma altura. Enquanto estão a ser construídas nenhum dos trabalhadores sabe qual é a sua. As casas só pode-

—Continua na quarta página—

COLISEU DO PORTO

27 DE ABRIL — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

TEATRO LUISA TODY — SETUBAL

17 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Teatro Luisa Tody, Papelaria Campos no Largo da Misericórdia e Loja de João Ferreira da Costa na Praça do Bocage.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A procissão continua!

A VOZ DOS LEITORES: Vamos abrir a janela e ouvir os apaixonados pelo *Famoso*, que elevam tão alto os objectivos da Campanha.

São cartas espumantes. Que vibram e fazem vibrar. Elas dizem de como a pacífica revolução que Deus fez brotar na alma de Pai Américo continua e continuará — alicerçada no Santíssimo Nome de Jesus. Porque só este Alicerce é. Outros, não. E só por Ele e nEle «O Gaiato» permanece como alimento aguardado impacientemente, pelos milhares e milhares de leitores de todos os quadrantes.

Vamos, pois, ouvir uma Religiosa. Não importa quem, nem donde. Seria profanar. É uma Religiosa. Eis:

Com bem pena minha, não consegui mais que uma assinante apesar de ter empregado todos os esforços dentro do círculo das minhas relações, que é bem pequeno, pela razão de ser religiosa e apenas há 2 anos a trabalhar neste colégio. Os nossos Professores e algumas boas pessoas amigas a quem me dirigi, já todas são assinantes do «Famoso», e falam do saudoso Pai Américo e suas obras com grande apreço e simpatia. Entre as alunas não se conseguem assinantes efectivas. Muitas dizem ter já muitas assinaturas; outras egoístas, e a maior parte indiferentes, sem entusiasmo, talvez porque não conhecem bem as obras, mas também não reagem quando se fala delas, e as poucas assinantes anuais que se arranjam, são quase todas entre as pequeninas e médias. Que pena me dá esta falta de espírito cristão, entre a nossa juventude!...

Sou eu a distribuidora do jornalzinho e por cá vou fazendo toda a possível propaganda da «líssima doutrina que prega e do altíssimo valor social das obras que ajuda.

Para a nova assinante que hoje envio peço o favor de mandarem o jornal aqui para o colégio, com os outros, porque a senhora é aqui empregada no telefone. É cumpridora e que já desde há muito lia com muita simpatia o jornal que a família também assina. Tenho pena por ser só uma, mas sinto-me satisfeita porque não me deixará ficar mal».

Um monumento de Verdade. Um testemunho eloquente de como «O Gaiato» revolucionaria e faz almas doridas pela falta de espírito cristão.

PORTO/LISBOA: O Porto espevitou. Viva o Porto! E nem seria de aguardar outra coisa. Que a moleza mai-la frieza não são da Invicta.

Ora os senhores prestem atenção. Vai falar um tripeiro que mantém o anonimato:

Junto envio uma lista com 10 assinantes (6 do Porto, 3 de Rio

Tinto e 1 de Lisboa). Eu bem sei que vai bastante atrasada, mas como a primeira lista que enviei só foi com 2 assinantes, esta quis enchê-la e só assim fiquei satisfeito.

A todos que pedi só dois me disseram que não, apesar de serem os que melhor o podiam fazer. Eles bem sabem que há Deus mas não lhes convém acreditar; eles esqueceram-se que Deus é quem nos dá primeiro e temos que prestar contas do mal que fizemos e do bem que deixamos de fazer. Que Deus abençoe a vossa Obra.

O Porto fala assim. Não tem papas na língua! E segue, desta feita, com 21 assinantes. O que já é muito bom.

Agora temos a capital que é um mundo. Pois os senhores lisboetas leram na última edição o nosso queixume — e aí vêm com 16 deles. O que não é nada mau, também.

Embora não possamos alongar-nos — o *Famoso* é tão pequeno... — eis uns testemunhos que enobrecem Lisboa:

Uma apaixonada da vossa Obra envia o nome de alguém que quer apaixonar-se também pela recepção do vosso jornal.

Ó simpatia!

E mais devoção!:

É favor tomar nota dos seguintes nomes e moradas para quem enviar o jornal «O Gaiato», se fosse possível a partir do número 443 — comemorativo de aniversário,

As duas primeiras são certas, as outras são muito prováveis, mas é preciso que a luz se faça, pela sua leitura. Por isso insisto pelo número de aniversário.

Que a Luz abra os olhos dos prováveis assinantes!

Finalmente e satisfazendo o so-

licitado por uma *Nortenha do Distrito do Porto*, residente na capital, devemos informar novamente que o *Famoso* não tem verdadeiramente preço. O assinante paga quanto, como, quando e se puder. Interessa ler o jornal, que o resto vem por acréscimo.

*

DO MINHO AO ALGARVE: E a procissão continua de vento em popa. O Barreiro é uma chama viva! Aqui vai a assinante 20380, que diz:

Envio estes nove assinantes que por agora não consegui mais. Irei sempre falando a ver se consigo mais algum e pedindo a Deus que dê luz a tantos corações que vivem na escuridão».

Vai Setúbal no encalço. E Aguiar de Moura, também. Mais Espinho e S. Mamede de Infesta e Leiria e Alcobaça. E ainda mais Coimbra, S. João do Estoril, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Lagoa, Maceira-Liz, Obidos e Vila do Paço.

Todo o país, de norte a sul, continua em campo nesta guerra pacífica por um «Gaiato» mais lido e mais divulgado!

*

AÇORES E MADEIRA: De Ponta Delgada, entre outras, segue uma carta mui simpática:

Começo por pedir muita desculpa de só agora dar razão de mim, e também por não ter mandado o boletim junto, completamente preenchido com interessados no «O Gaiato» mas como Deus não se preocupa com quantidade mas sim qualidade, só vão estes.

A Madeira acorda! Já recebemos notícias agradáveis. E esperamos que, depois do «grito de alarme» publicado na edição transacta, os senhores madeirenses venham daí em peso!

Júlio Mendes

Filhos de pai incógnito

Naquela barraca, àquela hora, uma rapariga de quinze anos preparava-se para ir à mercearia buscar o governo da casa para essa semana. O dinheiro que levava era fruto do seu trabalho. A mãe, fazendo este e aquele recado, ajuda a ganhar com que comerem, elas e mais dois pequeninos. Esta mãe, desta vez não me falou da fome nem do frio. Desta vez, uma terrível preocupação acelerava o coração materno desta mulher, que tanto se esforça por cuidar do futuro da filha. Eis o que a pôs em alvoroço e a leva a um pressentimento de nos ferir também a alma.

«Minha filha anda agora no turno da noite, e queixa-se de que quando sai é perseguida por automóveis e que de dentro senhores lhe atiram galanteios porcos. Se eu adivinhasse, preferia morrer de fome, a saber que minha filha venha a ser o que eu fui».

Terrível sentença esta! Que acusação!

Ao que se expõe esta rapariga, para ganhar uns tostões que mal dão para comer! Ela tem corpo de mulher e, porque anda de noite, no trajeto que vai da fábrica à barraca, é motivo de reparo daqueles que vêem na mulher um objecto para satisfazer os seus instintos.

De quem é a culpa, se aquela rapariga vier a ser uma mulher de todos e vier a ter «filhos sem pai»? Dela? Da mãe? Não.

Vai-se tirar a rapariga da fábrica, expondo-a a outros perigos dos quais a fome pode ser o guia? Eu julgo que basta a consciência dos responsáveis para julgarem e procederem conforme o que ela diz.

Evitar a prostituição é mais fácil do que acabar com ela. Que o grito materno desta mulher, que viveu na desgraça durante muito tempo, encontre abrigo no teu coração e abra as consciências entorpecidas dos responsáveis por tantos crimes. Demos protecção à mulher e ela não irá para o mal. Obriguem os homens culpados a amar, e a ser conscienciosos, já que os seus instintos atrofiam o seu carácter.

Se aqueles que escandalizam esta e outras raparigas, entrassem dentro daquela barraca e olhassem aquela miséria, talvez se sentissem mais culpados, e não descansariam nem se sentiriam tão tranquilos. Onde não há Amor, há ódio. «E queixa-se que é perseguida por senhores que lhe atiram galanteios porcos».

Aqui fica o grito alvoroçado desta mãe.

Ernesto Pinto

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Já que na edição transacta foi impossível publicar toda a lista aí vai o resto:

Mais um par de meias e duas camisolas para os mais pequenos dum grupo de telefonistas do Grupo A, no Terreiro do Paço. Não sei o que os Senhores dos C. T. T. têm connosco que não há porta nem coração

que se não abra. Só nos Correios dos Restauradores é que ainda não demos com a porta. Mais ainda doutra senhora dos C. T. T. das Picoas. Da Avenida Marquês de Tomar camisolas muito lindas feitas com muito amor ao pensar no agasalho dos Gaiatos. Para quem ama verdadeiramente, nunca há tempos desocupados nem de ócio. Do Senhor das Carrafochas mil, e vinte todas as vezes que lá vai algum dos nossos ajudar à Miséria, e o mais que lhe temos a agradecer. Mais roupas muitas vezes pelos vendedores, e até a mim no Saldanha de uma pessoa que tem pedido repetidamente a Deus a conversão de uma pessoa de família. Mais de uma promessa 50 e o mesmo de visitantes. De M. Cortesão o aumento de ordenado. Assinantes com 150\$ e 110\$ e donativos de 330\$, 25\$, 50\$, e 15\$, e 2\$50 ao Cícero. Visitantes com mais cem e assinante com 50\$. Senhora da Igreja dos Anjos 120 e 550\$00 de assinaturas nas mãos da nossa Mãe Irene. No dia de Carnaval 10\$, 50\$, 100\$, mais 50\$, e 62\$50. De Bragança três camisolas e mais 50\$. Mais roupas da Pascoal de Melo e 50 da mesma. Oferta atrasada de uma criada de servir para o peditório de S. Sebastião — 10.

Continua na 4.ª página

Calvário

água: leite fraquito, que a constituição extremamente débil bem o confirma. E para maior espanto dizem-me que vai em 6 anos. Parece incrível, mas é a mãe quem o afirma. Pesa cerca de quatro quilos.

Trago-a para o Calvário. Quero saber a razão da cegueira, que do raquitismo é fácil supor, e oiço a resposta medonha da parte do médico que a observa: — «Está cega.....»

Que o Senhor me perdoe não ter ido mais cedo buscar este inocente que esperou tanto tempo pelo amor dos homens.

—Vem da primeira página —

Está no Calvário, para que tu mais eu saibamos amar mais e melhor, já que o não temos sabido.

A Maria Alice é uma sacudida violenta das que o mundo precisa para encontrar o rumo verdadeiro. Tenho visto lágrimas de arrependimento nos olhos de muitos visitantes

Padre Baptista

P. S. — O Senhor vai-uos chamando um a um estes doentes. Hoje partiu a Ti Caro-

lina do Alentejo. É com saudades que a vimos partir.



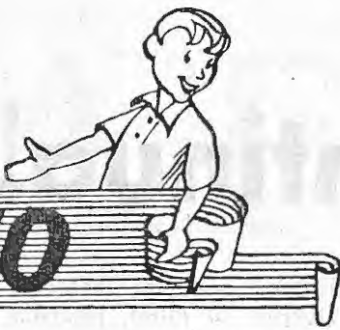
A Maria Alice

LAR DE COIMBRA

Os estimados leitores têm certamente, notado o silêncio deste Lar. Na verdade, o cronista só desperta para pedir alguma coisa.

que não chegam sequer para pagar as despesas do eléctrico para o campo de treinos.

Certos de que não se irá fazer «querdo», aguardamos que nos remeta alguma coisa por aí abaixo, pois por



PELAS CASAS DO GALIATO

Ora, a ginástica é uma disciplina obrigatória a todo o jovem estudante e nós também temos Educação-Física no Colégio. Para isto, é preciso equipamento e nós não o temos, e por tal motivo já tivemos algumas faltas.

Somos seis alunos que calçamos de 37 a 39. Amigos leitores, não permitam que tenhamos mais faltas a ginástica por carência de equipamento.

Nós, os estudantes deste Lar, andamos bastante atarefados com uma peça teatral que apresentaremos no palco do Avenida no próximo dia 1 de Maio.

Portanto, conimbricenses, vão-se preparando e ajitem bem as «carteiras» para não ficarem sem lugares.

Não esperem para o fim, porque... os bilhetes vão-se esgotar e depois ficam na rua «a chuchar no dedo». Não quero dizer que seja assim, porque isto é próprio das crianças, mas é uma expressão equivalente.

Nós temos pena que isto aconteça, mas, como já disse, se ficam à espera prá última da hora... chapéu!...

A Páscoa vem aí!... E as amêndoas também vêm, amáveis leitores? Digam que sim para passarmos a Páscoa a «chupar» amêndoas.

Horácio

pouco que seja, é sempre bem recebido e agradecido.

Com um abraço da Direcção Pela Juventude de Portugal P. P. Grupo Desportivo do Lar do Gaiato.

Agostinho Coelho

TOJAL

Por esta altura domina-me o desejo de exaltar o Tojal. Embora tantas coisas haja para noticiar aos nossos leitores, sou tentado a preferir a poesia. Será uma questão do temperamento, em suma...

De facto, o Tojal por esta altura, apresenta-se tão belo, perfumado e rissonho, que deixa duvidar da sua longa existência.

Alegria — continuada e forçada com dois amores ainda em botão — Márinho e Jaimito. Perfume — alegria vivida, edifica-a bem o perfume emanado das laranjeiras em flor. Riso — alegria e esta com perfume — com riso realiza-se a beleza. Beleza nos campos, nas plantas, nos jardins, nos sorrisos galantes dos rapazes e no encanto da vida de cada dia.

Em resumo, descrevi-vos a beleza de cá e em silêncio resumido vos convidei a que venhais encher-vos dela nesta altura.

— Oficinas. Há muito pouco tempo estava a almoçar só — uma altura em que a nossa vida goza de uns momentos de silêncio, de calma. Daqui a pouco oiço o ribombar de foguetes. Acelero, então, a entrada dos alimentos na boca para rapidamente me despachar e saber do extraordinário. O tempo era pouco e vamos a comer pelo caminho. Chego ao local requerido e um lauto banquete festivo de animação e mais. Era a comemoração de chegada e o 1.º trabalho da nova máquina tipográfica. Estava descoberto.

Tenho reparado bem no trabalho e no Miguel atarefado com o despacho dele. A nova máquina, que tira cinco mil por hora, para ele havia de ser mais. Continuem a ocupar o Miguel e os outros, que eles não se zangam por isso.

Das outras oficinas, estamos igualmente satisfeitos. Todas têm muito trabalho encomendado.

Bem hajam por tal. — E para terminar, já que não posso dar-vos hoje notícias da nossa Conferência, ao menos deixo-vos a lembrança dos Pobres para a Santa Páscoa.

Zé do Porto

MIRANDA DO CORVO

Cá estou mais uma vez a escrever. Em primeiro lugar começo por vos falar da construção da nossa piscina. Todos trabalham; uns amassar cal, outros a acarretar; uns a tirar pedra, outros terra, etc.. Todos ajudam, e é se no fim dela construída querem tomar banho regaladamente!... A piscina está quase construída e depois teremos concursos de natação e o nosso treinador vai ser o Senhor Padre Horácio que sabe nadar como um prego. A

Padre José Maria

inauguração deve ser feita no domingo de Páscoa.

— Começaram as sementeiras da batata. Semeámos já um olival delas e foi em 3 dias desde manhã até à noite. Mas depois também as havemos de comer bem descansados.

— Nós cá em casa jogamos muito futebol mas não é do futebol que eu quero falar, é apenas de não termos equipamento e chuteiras. Estamos pobres! Nós praticamente, jogamos descalços ou de sapatilhas e só jogam de sapatilhas os que ganham; os outros é tudo ó pé descalço e era apenas isto que eu queria falar acerca do nosso futebol. Se houvesse alguns leitores que nos quisessem ajudar acerca deste caso...

— Tivemos esta semana a reunião dos nossos Padres de todas as casas da Obra da Rua.

— Na outra semana comprámos uns bois muito mansinhos e muito lindos e o que se quer em nossa casa é bois mansos, porque toda a gente lida com eles desde o mais pequeno até ao maior. O mais pequeno todos os dias pega num pau e vai para os currais chamar os bois. Logo que eles vieram foram logo levar uma carrada de esturme para a sementeira das batatas e acabaram o dia sempre ao carro e à charrua.

— O Senhor Abel tem andado a arranjar os jardins, e até que enfim que já acabou! Demorou muito tempo mas agora ficam lindos e bem arranjados e o ajudante dele tem que andar a regá-los todos os dias para as flores poderem nascer.

João

Visado pela
Comissão de Censura

Auto - Construção

Continuação da terceira página

rão ser levantadas onde houver um grupo de Auto-Construtores. Ainda que alguém oferecesse à Auto-Construção 40, 50, ou 60 contos nós não lhe poderíamos garantir o lugar onde as 8, 10, ou doze casas seriam feitas, porque no lugar escolhido poderíamos não aparecer os 8, 10 ou 12 trabalhadores que se quisessem sacrificar a fazerem — com essa ajuda — as suas casas. Os Auto-Construtores serão ajudados, mas terão também de trabalhar muito, de se sacrificarem muito. Aqui a dificuldade e o valor da coisa. Mas também no dia em que as casas estiverem concluídas sorteiam-nas, recebem as chaves, registam-nas na Conservatória e ninguém lhes pedirá mais contas. Para a organização isso é óptimo, porque fica sem o trabalho e a responsabilidade da administração, gerência e conservação. Ficamos livres para pensarmos nos outros grupos já constituídos ou a constituir. Eles — e sobretudo as esposas — tratarão as casas muito melhor. Compreende-se. São delas. Tivemos o prazer de os valorizarmos no campo da educação, da profissão e ainda no aspecto social. Ficaram modestos proprietários. E nós não ficamos com os cordelinhos na mão, o que é um bem para eles e para Auto-Construção

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Venda do Jornal no Porto

Visto ter ficado no lugar do nosso Ramada nunca dei notícias da nossa venda. Pois resolvi dar agora. A nossa venda continua fraca por mais que nos chamem à razão. Nunca damos conta dela. Depois do Bombeiro ter escrito para o Famoso, mais tarde recebeu uma carta dum senhor, leu-a e entregou-me para que eu desse ao Senhor P.e Manuel António. Pois eu não deixei de dar notícias dela. Dizia o seguinte:

«No último número do Famoso queixava-se de que actualmente se vendem muito menos jornais no Porto.



Mais uma visita da morte. Horácio tinha encetado agora nova fase em sua vida. Estabelecera-se com alfaiataria em Rebordosa.

A simpatia ganha nos tempos em que por lá fôra empregado, valia-lhe agora clientela farta, mórmente em vésperas da Festa Pascal.

Horácio andava agodado em dar boa conta dos seus compromissos; cuidadoso em bem preparar o dia de amanhã. Tão cuidadoso, tão apressado, que a sua motorizada foi chocar com uma carroça e ele já não chegou ao hospital com vida.

Muito apressado, muito cuidadoso em preparar o dia de amanhã...

Deus permita que ele tenha sido igualmente cuidadoso em preparar o dia da eternidade, que chega, «como um ladrão», em hora nunca marcada e muita vez imprevisita.

Ora pelo que tenho observado parece-me bem que a culpa deve ser principalmente dos actuais vendedores, pois pelo que tenho visto estes de agora são uns moscas mortas em comparação com os de outros tempos. Não sabem nem procuram insinuar-se ao captar compradores e tão comodistas e apáticos se mostram que numa repartição sei que nem sequer querem subir ao 1.º andar, apesar de terem elevador às ordens.

Noutros tempos, apresentavam-se sorridentes, conversadores e incansáveis e aquela boa disposição estimulava a vontade do comprador. Agora andam tristes, sorumbáticos, e não dão uma palavra. Porque será?

Parece, portanto, que haveria necessidade de lhes dar instruções, habilitá-los primeiro, submetê-los a provas e escolher os mais aptos e que melhores condições demonstrassem para a venda do jornal. De contrário cada vez será pior.

Pois ficamos a saber que a culpa é dos nossos vendedores e não dos senhores. Sim, porque nós não nos esforçamos. Nem todos, porque alguns esforçam-se... Às vezes punha-me a falar com o Ernesto Pinto sobre a nossa venda estar muito fraca e a certa altura ele disse-me que não se importava de andar a vender apesar de ter ido já à tropa, só para fazer ver aos vendedores como se vende o Famoso. «Ainda com 15 anos já querem sair da venda! No nosso tempo a venda era mais custosa mas gostava-se de andar sempre alegres e saíamos aos 18 ou 19 anos». Sim, nos outros tempos a venda era mais custosa mas gostava-se de lá andar. Não eram como nós hoje que quase nos esquecemos de que andamos a vender.

José Alves de Jesus (Baleia)

Notícias da Conferência da NOSSA ALDEIA

OS NOSSOS POBRES: Dos dezasseite irmãos Pobres que temos à nossa conta há três casos que nos merecem um cuidado particular. São mulheres que por via da sua miséria ou até vítimas da tentação cairam e tornaram a cair — e hoje cada qual possui um rancho. Um rancho de filhos de pai incógnito. Assim manda a lei... quando o pai, o verdadeiro pai, não se apresenta no acto do registo, testemunhando o nascimento do seu filho!

Temos batalhado, incessantemente, pela sua regeneração. Desde uma ajuda material e substancial (50\$ mensais de mercearia e 30\$ em dinheiro, fora remédios e roupas e lenha e mais e mais), até ao encorajamento moral e espiritual. E vamos conseguindo bons resultados — graças a Deus. Uma delas, ainda há pouco, tornou a dizer: «Eu não quero mais filhos! Não tinha mas é quem me aconselhasse...» Esta já vai no sexto! E um deles, sobretudo, mostra quanto passou dentro e fora do ventre da mãe. Mas agora está melhorzinho. Mais vivo e mais gor-dinho.

Nem só nas cidades estes dramas, para os vicentinos, são o pão de cada dia. Até nas aldeias! Onde a Religião ainda é, que fará naquelas onde já não! E tudo por via da imunidade que beneficia o pai ilegítimo — obreiro de uma grande percentagem de miséria que vagueia por aí fora. Pois quando surgirá o legislador que acorde às chamadas incessantes e dolorosas, para a solução deste problema nacional, que Pai Américo lançou no Famoso?...

Júlio Mendes

IMPÉRIO DE LISBOA

16 DE MAIO — ÀS 18 HORAS

Bilhetes à venda na Ourivesaria 13 da Rua da Palma 11; no Montepio Geral, Rua do Ouro; e no Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34 r/c, Telefone 669451

TEATRO AVENIDA — COIMBRA

1 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida